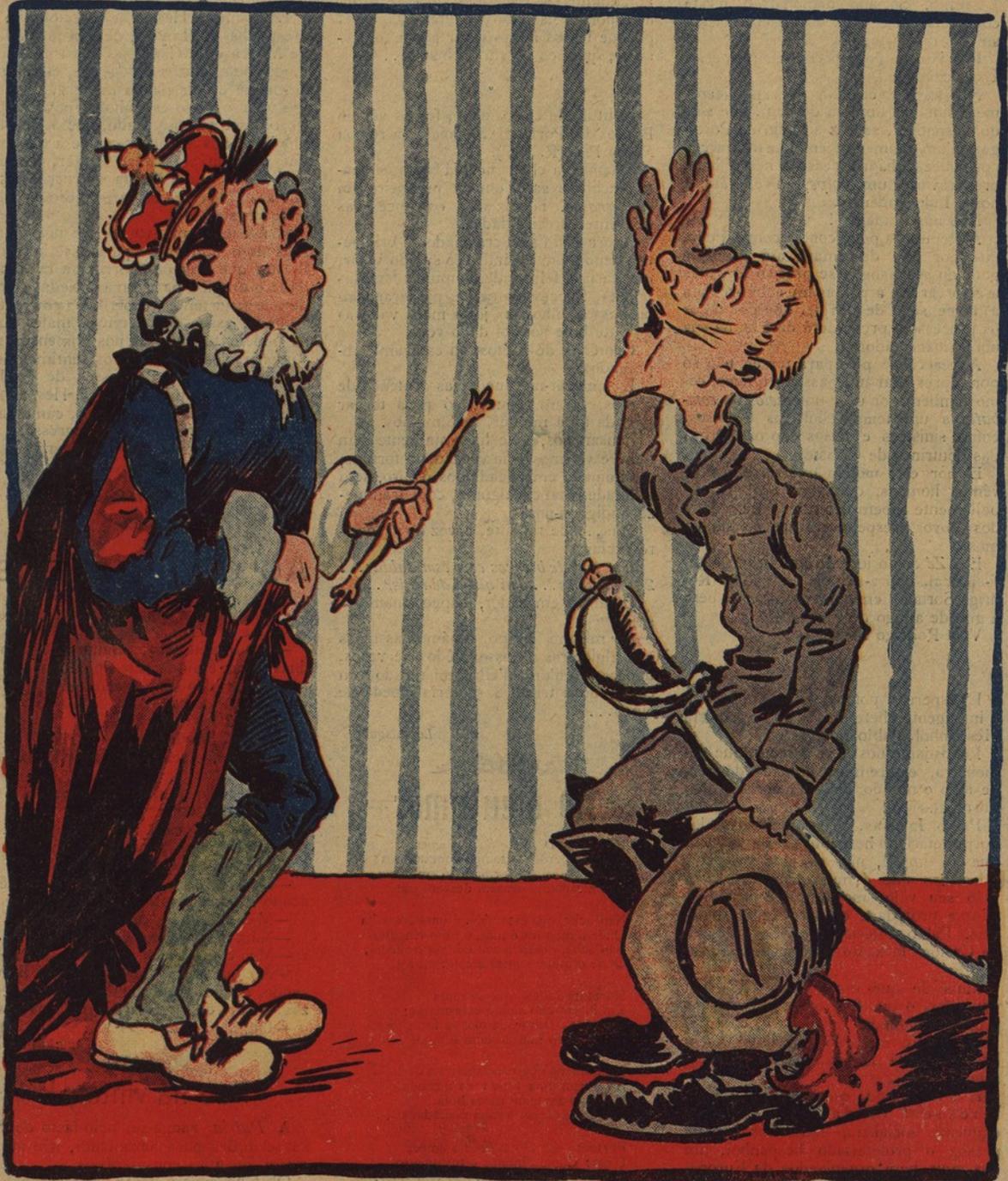
N.º 90 (2.º)—(212)—4.º ANNO Terça-feira, 30 de Julho de 1912 Preço 20 Rs

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas OFFICINAS DO ZÉ
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81.

DOIS VALENTES.:.

—Então, Paiva?! Parece impossivel!... Abandonares o teu posto...
—Pó... pó... pó... de vó... vóssa... Ma... ma... ges... ta... ta... de crer que... que... não foi por... fal... fal... ta de... de cu... cu... cu... ragem!

Fitas corridas

Foi bella, verdadeiramente colossál, a manifestação que em Lisboa se produziu á chegáda do grande democrata Rodrigo Soriano.

O Povo Portuguez, que como nenhum outro, ama a Liberdade e a Justiça, saudou na tarde de 21 do corrente, o homem que em Hespanha, tanto ardor tem demonstrado na defeza da nossa Republica.

Contra os facciosos processos do governo de Canalejas, usados para com Portugal, Rodrigo Soriano protestou, pois viu na atitude do governo hespanhol, uma provocação á nação portugueza, assim como tambem, no seu jornal *Espana Nueva*, a fundo se atirou aos protectores dos couceiristas.

Emfim, Soriano demonstrou n'esta conjunctura, sêr um dos mais sinceros amigos de Portugal.

Por isso, o povo occorreu em massa, á sua chegada.

Não foi por vêr n'elle um republicano, mas sim um homem de bem, que sendo hespanhol, se poz ao lado de Portugal, n'um momento, em que a reacção portugueza, aliáda á reacção hespanhola, preparavam um *golpe*, talvêz fatal á nossa Independencia.

Não nos illudamos!

A Republica pode contar com o Povo, que por ella derramará até a ultima gota do seu sangue se preciso fôr, mas a estorvar-lhe a passagem achár-se-ha a a torpe seita de Loyola, que por todos os processos, pretenderá detê la, na sua obra emancipadora.

A reacção é pois para temêr, não só por representar um passado infame, como tambem por usar uns *meios de combate*, a um tempo sinistros e falsos, como sinistros e falsos são os ladrões das doutrinas de Christo!

E' por este motivo que quando nós, vêmos homens, que como Soriano, tão bellamente sábem defendêr a Liberdade dos Povos, respeitosamente os saudamos.

E o *Zé* como jornal republicano e anti-clerical, honra-se hoje em saudar Rodrigo Soriano, eminente homem de bem e grande amigo de Portugal.

Viva Rodrigo Soriano!

*

E' esperado por estes dias em Lisboa o inteligente chefe do Partido Socialista Hespanhol, Pablo Iglesias.

Regosijamo-nos com o facto, que demonstra, estarem os homens de bem de todo o mundo, d'alma e coração com Portugal.

Pablo Iglesias, o grande orientador do proletariado hespanhol, é um homem que se impõe, não só pelo seu valor scientifico que é muito, como tambem pelo seu valor moral que é immenso. D'uma probidade e honradez inexcediveis, Pablo Iglesias é bem o discipulo de Carlos Marx, do qual segue as pisadas.

Mais de que um politico, elle é um educador, o que o torna respeitado dos proprios inimigos.

Eis quem é Pablo Iglesias, que em breve honrará Lisboa, com a sua presença.

E aproveitando o ensejo, que nos offeresse a vinda a Lisboa, do eminente socialista, saudamos na sua pessoa o proletariado hespanhol, um dos mais bem organisados da Europa.

*

Tenciona o Directorio do Partido Republicano Portuguez, angariar por meio de subscripções varias, o dinheiro preciso, para a compra d'uma flotilha de aeroplanos, destinados ao nosso exercito.

Aplaudimos essa iniciativa, comquanto sejamos contrarios *á paz armada*. E aplaudimos, porque sendo Portugal, um paiz pequeno e cobiçado por muitas *grandes potencias*, precisa empregar todos os sacrificios para que seja respeitado.

Não queremos que Portugal se transforme n'uma caserna! Não! Mas o que tambem não desejamos vêr, é que impunemente se troce de nós!

Abulam-se as fronteiras, façamos de todo o Mundo, uma só Patria, mas não permitamos que o mais fraco seja esmagado pelo mais forte!

Por esse motivo e só por esse, nós aplaudimos a iniciativa do Directorio, não porque sejamos militaristas, mas porque têmos muito amor a este torrãosinho, que nos serviu de berço...

*

A titulo de curiosidade, fomos vêr ao Banco de Portugal as joias da rainha Maria Pia. (R. I. P).

Quando la chegamos, já bastante gente enchia a sala, onde o pregoeiro em *voz grossa*, ia dizendo os lances das diferentes preciosidades.

Agora é um anel cravejado de brilhantes, depois um colár de tão subido valor, que faria a felicidade de muitas familias pobres. Successivamente, passaram ante nossos olhos as joias mais valiosas que até hoje nos foi dado vêr.

Centênas de contos, ali estavam, empregados!

E lembrar-nos que essas centenas de contos, foram gástas, só para tornar garrida uma mulher, revoltou-nos.

Pensar-mos, que ha tanta gente com fome e vêr-mos uma verdadeira fortuna, disseminada em bocadinhos d'ouro, sem utilidade pratica alguma, com franqueza, indignou-nos!

Mas... de repente, a voz do pregoeiro exclama:

Um par de brincos com esmeraldas... 200$000 rs... Há quem dê mais?...

Olhámos em redor, inspeccionando a sala.

Ao mesmo tempo, enfiámos as mãos nas algibeiras e nossos dêdos nervosos, depararam n'uma d'ellas, misturado com cotão, uma triste e solitaria moeda de cinco...

Lambisgoia.

Ao meu amor

Não acha, D. Alice qu'é loucura,
A gente perder o tempo com amores?
Se apenas se trasformam só em dores,
Se unicamente trazem desventura!

Não acha, que esta vida, é uma comedia
Onde a mentira é mãe, o filho Engano?
Não acha, que isto tudo é 'ma tragedia,
Onde o infame amor é o tyrano?

Ha tanta Julieta que se mata
Em honra de Cupido esse marau;
Ha tanta desgraçada que se farta
De levar do marido com o pau!

Ha homens que não sabem da cachola
Ao verem uma typa toda inchada!
Ha tanta zaragata nesta bola
Por causa dessa Venus malfadada!...

Portanto sou descrente no amôr,
D'esse Cupido infame e turbulento...
A Venus, cá p'ra mim, não tem valor,
E' cousa que desliza como o vento!

Dante (Cesar Parrot).

Pablo Iglezias

Chegará brevemente a Lisboa um dos homens mais cultos da Hespanha livre.

Pablo Iglezias o velho soldado da ideia socialista, que tanto tem luctado ao lado das classes proletarias, vem estreitar mais os laços de amizade que unem todos os homens que pelejam pela realização d'uma sociedade mais egualitaria e justa.

E é com suprema alegria que o veremos entre nós, rodeado pelas classes trabalhadoras que avidas de Liberdade, correrão a saudar o grande apostolo da ideia sublime, que desprezando preconceitos, soffrendo com resignação todas as injustiças que contra elle forjam—não sem um gesto de revolta—caminha intrepido na cruzada bella em defeza da humanidade.

Emquanto a Hespanha reaccionaria, a Hespanha de Loyola, de Torquemada, de Maura e de Canalejas nos trata com modos bem poucos lisongeiros, elle, vem em nome da Hespanha moderna, dizernos que o povo espanhol, o povo laborioso, está ao nosso lado, que a Hespanha que nos menospreza, é a mesma que mandou assassinar Ferrer, porque tem medo que a luz da instrucção faça abalar os alicerces do carunchoso palacio onde vegeta.

E é este o motivo porque nós olhamos com admiração para esse homem illustre que pretende corrigir a humanidade e dirigil-a para uma sociedade onde não haja tanta hypocrisia, nem tanta vaidade, esses dois terriveis males que só podem ter guarida nos homens possuidores dos mais infimos sentimentos.

Saudamos pois na pessoa de Pablo Iglezias a Hespanha livre, a Hespanha que quer, e ha de conseguir, caminhar pela estrada brilhante do progresso.

Abaixo a Hespanha reaccionaria!

Viva a Hespanha livre!

Manuel V. Borralho

Ao correr da fita

—Oh Senhôra Maria, senhôra Maria!

—Que é, visinha?

—Viu o meu néto...Sahiu de cása há duas horas e ainda não apareceu...

—Ainda não há, dez minutos que o vi.

—Viu-o? Aonde?

—Ali na pharmácia...

—Na pharmácia?! Que foi elle, lá fazêr?

—Paréce, que andáva brincando, cahiu e esfolou-se...

—E eu em cása, á espera d'elle... Deixa estár, meu menino, que em cá chegando, levas uma sóva...

—Deixe o rapáz. Bem lhe básta, têr ficádo ferido, quanto mais, ir-lhe batêr.

—Mas está muito ferido?

—Não. Está só nos queixos.

—Mas como é que elle fêz isso?

—Ao que me disseram, andáva brincando, quando tropeçou n'uma pedra e... zás...cáhe de queixos, no meio da rua!

—Oh!

Lambisgoia

Não ha vintem!

A *Patria* zanga-se, pelo fácto de as subscripções para aeroplanos, não atingirem, quantias consideraveis.

Oh filha, pois a gente não tem dinheiro para dár uma *folga*, quanto mais para ir-mos no balão!!

Ao microscopio

Um amigo do Jardim Zoologico pede, nos jornaes, que arranjem um elephante para aquelle estabelecimento. Mandem-lhe o *Estevão* de Vasconcellos, que tem as dimensões exigidas...

— O José de Magalhães lamenta que a Constituição da Republica não tenha mantido a pena de morte. Tal opinião prova apenas que elle tem o coração tão negro como a cara e o instincto anthropofagista da sua raça.

— Vamos ter uma esquadra de aeroplanos. Imaginem que o Chaby ou o Alpoim lhes appetece subir n'elles? Aquillo é mesmo um ar que lhes dá! Outrotanto succederá se qualquer *tubarão* quizer ver lá do alto esta cidade de marmore e granito...

— O José de Magalhães publicou na semana passada, um artigo bem desagradavel para os carbonarios. E' que julga que elles são pretos.

— Dizem que o Camara *Rêz* vae entrar para a Assistencia. Assistido precisava elle ser, mas era por um bom veterinario, para ver se o curava de certas *manhas*...

— O Callisto da *Dança da Lucta* tambem se permitte fazer conferencias sobre o *turismo*. Effectivamente, o estrangeiro tem muito que admirar n'esta terra, a começar pelos prodigios do seu talento, como, orador jornalista, professor, deputado, burocrata, *sportman*, e confidente do Brito Camacho, que foi como Deus, salvo seja, tirando do *nada* essa consubstanciação augusta de tantas aptidões!

— O conselheiro Accacio de Paiva tem a propriedade de escrever asneiras, como outros objectos teem a propriedade de cheirar mal. Nas revistas onde ha a sua collaboração, esta destaca-se logo como uma dedada de gordura, que não sae mais, por muito que a ensabôem. Lá a vimos a estragar o *Preto no Branco*, e com tal força, que deu com a desgraçada empresa em pantana...

— Parece que o *Marmeleiro*, o *Porta-machado* e o *Dominó Verde*, tres satyricos de uma cana só e que, nos «Grotescos», teem posto o sal na moleira a alguns *trastes* profissionaes, vão fundar um pamphleto intitulado «A Metralha». Trema Troia e tremam os ditos *trastes* que vão ficar sem pelle e com os ossos n'um feixe...

— O presidente da Camara dos Deputados da Turquia foi intimado, por um grupo de officiaes, a fechar aquella casa, no praso de 48 horas. Por ahi se vê que os deputados de lá são tão *bons* como a maior parte dos de cá...

Bacteriologista

Estráda, "russo,,!

Há quem diga que o Couceiro, vae dár entrada n'um convento, arrependido, de todo o mal que tem feito.

Não acreditamos.

O Couceiro váe dar entrada, mas é n'uma... cavalariça, para ao pé dos manos!

EPITAPHIO

Aqui jaz Paiva Couceiro,
Que moreu de congestão;
Teve entrada de sendeiro,
E saida de poltrão.

Aldeão.

— *Maxim*, o rei dos macácos, não se parecer immenso com o João Franco, de tão triste memoria.
— A ponte sobre o Tejo, sêr uma realidáde.
— A hortaliça da Praça da Figueira, diminuir de preço.
— Os monumentos de Lisboa apanharem uma lavágem.
— Nós vêr mos o projecto sobre accidentes de trabalho convertido em lei.
— Acabarem-se os monopolios.
— O Snr. John Alves, não merecêr o mêsmo, que fêz ao pobre José Váz.
— Não ser uma *pouca vergonha*, o multarem-se individuos, por usárem acendedores automáticos.
— O Snr. Hermano Neves, não phantasiár muito os seus artigos.
— O Brito Camacho lavár os pés.
— Os *masmárros*, não estarem a pedir Penitenciária, como pão para a boca.
— O ex-Bispote de Beja, não gostár muito, de... assorda d'álho!
— O Roula mostrar os bentinhos.
— O mano Republicano soltar o mano talassa.
— Certas meninas deixarem de amar o Machado.
— O Machado declarar-se.
— O Caixinha ir á Ilha Cristina.
— Os talassas levantarem as orelhas.
— O novo club ser fóco de conspirações.
— No Rafael dar-se vivas á Republica.
— O Laréna abrir os olhos e firmar-se nas pernas.
— O Fernetico falar bem da Republica.
— Capadinho, Mauricinho, e menino Eduardo terem juizo.
— O Gramacho não gramar algum tiro.
— O Pancinha dizer o que tem no abdomen.
— O Florencio fugir dos conspiradôres.
— O Canalejas dizer que tal estavam os caracóes.
— O Zé evitar tantas paixões em Messines.

ATTENÇÃO!

O **Zé**, sabendo que a maioria dos portuguezes, sofre de doenças, algumas das quaes julgádas incuráveis, inaugura no proximo numero um *Consultorio prático*, para uso de seus leitores.

Todos aquelles que sofrêrem, seja lá do que fôr, dirijam immediátamente ao **Zé**, um postal, dizendo qual a doença de que padecem, pois nós, dirêmos qual o remedio!

A tuberculose tem cura! O cancro idem!

Emfim, meus Snrs. só morre quem fôr burro!

Cuidai pois da vossa saude, leitores amigos e lembrée-vos, de que ella é tudo, n'este valle de lagrimas!

Toda a correspondencia relativa ao assumpto em questão, deve sêr dirigida a Luiz Ferreira, o novo Messias, que jurou extripár, de Portugál, todas as doenças!

Vae abrir o *Consultorio*, meus senhores e minhas senhoras...

L. F.

Está quasi...

Aproxima-se d'um conto de reis, a subscripção do *Seculo*, para a compra de aeroplanos:
Já não fálta tudo...

A Derrota de D. Quichote

(Parodia á poesia de Gonçalves Crespo «A Morte de D. Quichote». Nocturnos, pag. 157).

Rota a farda, sem lança, a cruz ensanguentada,
Corrido, abandonado e á tôa, sem dinheiro,
A' luz crepuscular dolente e imaculada
Entra de novo em Espanha o capitão Couceiro.

Ouve-se muito ao longe o toque das Trindades.
Cessou o labutar das fabricas ruidoso.
Dom Quichote, abatido ao peso das vaidades,
Caminha sem descanso, errante e mist'rioso.

E o realista infame, o torpe cavaleiro,
Que andára com el-rei apontando aos coêlhos,
Defendendo a Gaby, fugindo ao marmeleiro,
Do Canalejas foi sentar-se nos joelhos.

Sobre a côxa *fincando o cotovêlo agudo*
E no punho cerrado a fronte reclinando,
Quedou-se largo espaço, ilacrimavel, mudo!
Para o inutil passado os olhos alongando...

E ali, na dôce paz do lar que o protegia,
Sentiu que o dominava uma saudade infinda,
Quando esta voz se ouviu: *finou-se a monarquia*
Fantoche de cordel, tua missão é finda!

E êle a scismar, tristonho! O rude Canalejas
Beija-o, abraça-o, ri, mostra-lhe a espada amiga,
Mas o heroe volvêu: «Tenho mêdo ás pelejas,
Levae-me para o leito!... Ai, que dôr de barriga»!

Do leito á cabeceira o Maura triunfante
Incita-o á victoria, e ele sente-se gelar;
Diz-lhe que o espera a morte: a morte horripilante!...
Na força ou no garrotim. O *heroe* pôe-se a chorar!

Conta-lhe o negro horror dos carceres sem luz,
Onde a vida se perde, aos poucos, lentamente,
Diz-lhe que ha-de cuspir nas faces de Jesus,
Beijando na caréca o altivo presidente.

Diz lhe que o Afonso Costa, e trinta Carbonarios
Hão-de arrancar-lhe, ó ceus! o imenso coração,
Que ha-de sofrer, emfim, tormentos sanguinarios
Abandonado e só!... Cheio de cagaço então.

Palido, semi-nú, tremendo, o cavaleiro
Como um louco bradou: «Enverguem-me o casaco!
Selem-me o Rocinante, ó Cristo, (*) ó escudeiro,
Vae tu adeante, e presto indica-me a cluica»!

Tinha o pavor no olhar, e o rosto contrafeito,
Qu'ria erguer-se e partir... Vacilava, hesitante...
Logo depois —traição!— emporcalhava o leito,
Par'cendo ter sofrido o efeito d'um purgante.

(*) Homem Cristo, —O Sancho Pança da situação.

Manoel Chagas (Pardieiro)

Cartas de namoro

Don Juan á Sr.ª D. Fufia.

Minha encantadora Fufia

Cada dia que te não vejo é para mim um dia de sofrimento. Só haviam de romper os dias em que te pudesse ver.

Oh! minha adorada Fufia!...

Eu queria ter o poder supremo, ser plenipotente; quizera ser Deus ou o diabo para transformar a terra n'um novo paraizo onde nós, quaes Adão e Eva, pudessemos gosar o amor sempre firme, duradouro, e eterno!

Ah! Mas isto será pedir muito, e eu contenta-va-me só com o prazer de ir ter comtigo todos os dias e todos os dias me tocares um bocado de flauta, como hontem.

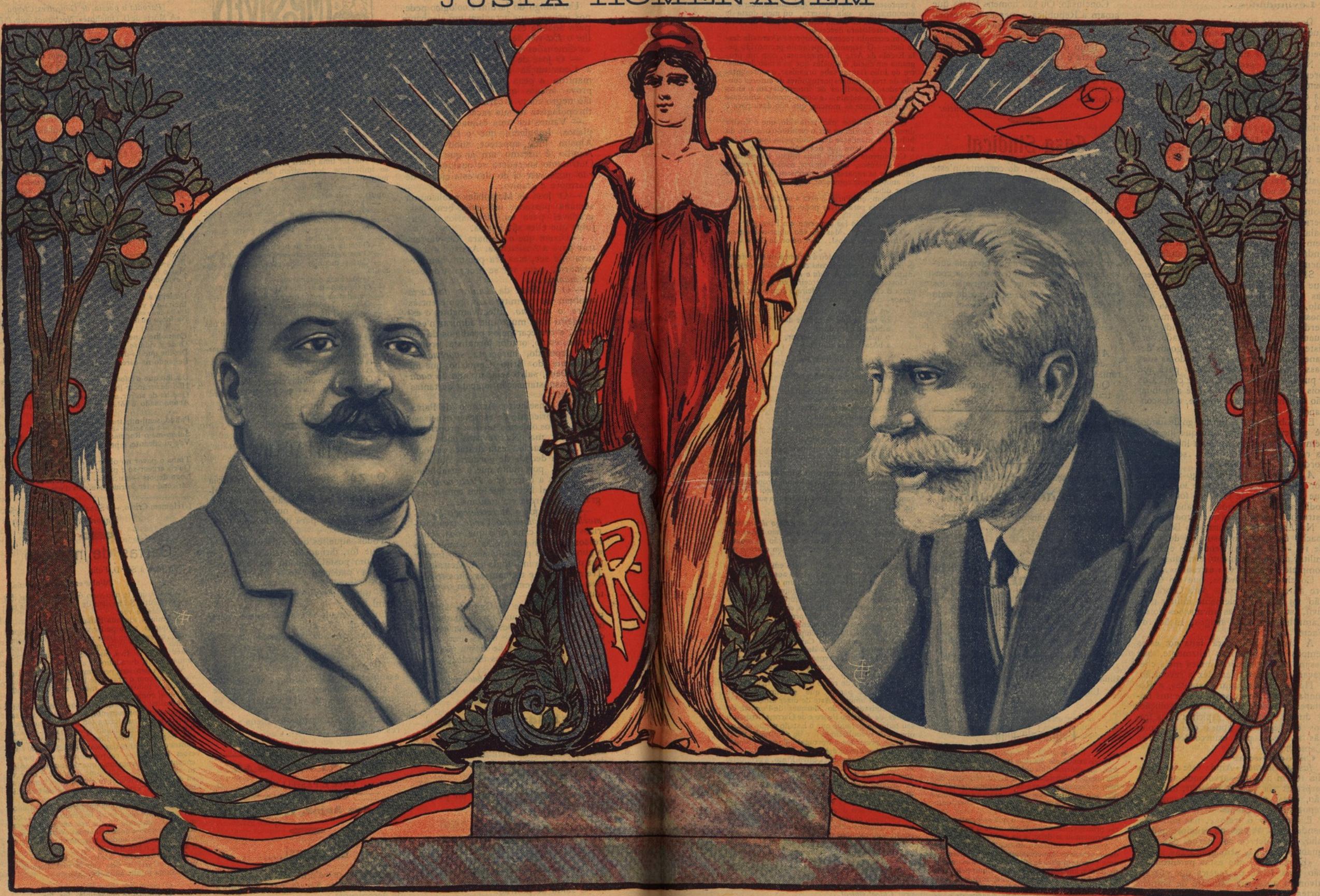
Como eu gostei de te ouvir; com que geito tu pegaste no instrumento; com que graça o sacudiste e de que forma tão bella tu manejas a flauta! E depois quando aproximando-a a essa tua boquinha onde florescem sorrisos perturbantes como ambrosias misteriosas; quando com esses teus labios rubros beijas-te esse, para ti encantador instrumento, que deliciosos acordes tu não tiraste!. Subia-me o sangue á cabeça, eu estava como louco; tu então, n'um compasso mais rapido vertiginoso, chegavas ao terminio da aria.

Ainda agora revivo as impressões encantadoras que recebi quando tu, largando a flauta, começas-te cantando. A tua voz melodiosa, extasiava-me como o doce trilhar das avezinhas, que, ao vir da aurora saudam alegremente, de entre o arvoredo, o sol, o astro rei.

Quando cantavas, sentia-me embalado por mistica alegria e essa canção melodiosa ficou gravada na minha alma. Era assim:

O' compadre chegadinho, faz, faz
O' compadre chegadinho, fez, fez
etc.

Don Juan.

JUSTA HOMENAGEM

O Zé sauda em Rodrigo Soriano e em Pablo Iglezias, que tão airosamente defendem os creditos da nossa Republica, uma Hespanha nova, bella e livre de preconceitos. Viva a democracia hespanhola!

AS MINHAS NOTAS

Leviandades...

Dos nossos grandes homens publicos... que o publico grama com uma paz d'alma que é mesmo de louvar a Deus de beiço... tem-te não cáias...

Na minha secção «Cinema da Imprensa», no ultimo numero, mostrei aos leitores do «*Zé*» a medonha trapalhada de um atrapalhado artigo do Sr. José d'Almeida publicado no «Republica» em 18, onde o magnanimo protector dos infortunados presos politicos afirma que «a aventura realista parece liquidada. Mais que o esforco heroico da nossa gente venceu-a a propria miseria.»

Ao lado d'este pregoeiro da paz, da justiça serena, e da miseria dos vencidos, tenho que colocar outro grande homem, outro estadista ilustre, outro jornalista politico, transcrevendo uns pequeninos periodos de artigos seus, pequeninos em palavras mas bem grandes para poderem afirmar o quanto de mal arejáda anda a cabeça dos nossos grandes homens da Republica Portugueza.

São flagrantes as contradicções em que elles se estendem lá quando as coisas não caminham bem. E este de que falo, cerebro prevelegiado, talento formosissimo, descarrila tão facilmente, perde a transmontana de quando em quando que uma observação cuidada, persistente, põe a claro esses perigosos devaneios dos politicos, apontando as suas passagens mais contradictorias para que o publico pasme e se coloquê com... os dois pés atráz. Muitas vezes é a insinuação que humilha, que ofende, a desconfiança, o insulto.

E o publico que lê um artigo de fundo, de principio ao fim, sem que lhe pese bem as suas palavras, sem lhe estudar os recantos, chega ao fim... sem se recordar do principio!

A Lucta de 19 em artigo assignado por Brito Camacho diz que logo se vê que a revolução de Outubro foi um epi sodio militar... a que se canservaram estranhos os militares quasi todos».

Na *Lucta* de 23, o mesmo Brito Camacho diz, sobre o assumpto do artigo de 19, «e ainda aqui sendo um episodio militar a que o elemento civil quasi por completo se conservou estranho»...

Conclusão. A revolta, que em Outubro atirou com a coroa para Gibraltar, não foi feita pelo elemento militar nem civil, isto segundo as afirmações do sr. Camacho nos seus artigos, Lições de Factos...

A historia não será feita por estes tempos mais proximos felizmente, que assim, os historiadores nunca mais chegavam a apurar quem fez a revolução.

Heroes apareceram bastantes, a Rotunda existiu, mas se os elementos militares e civis não fizeram a revolução, a duvida assalta os espiritos mais fracos e chega-se a apurar que a revolução se fez... pelo esforço do sr. Brito Camacho!

Cabeças no ar...

Justiça Serena.—Ainda este artigo do dia 18 em que diz «arvorando-se em interpretes da justiça popular, mais não são, quasi sempre, do que agentes de repugnantes façanhas sem grandeza.»

E tomando o treio... nas unhas desanda mais abaixo no seguinte pedacinho, que ofereço aos heroes das repugnantes façanhas sem grandeza»

«Eu bem sei que estas perturbações são uma febre passageira que poz em alvoroço o sangue estuante de homens fortes que amam por ventura todos a Republica»

Ora, por estas homenagens, estes homens fortes são os taes agentes de repugnantes façanhas sem grandeza:

Conclusão: Ou são homens fortes que amam a Republica e merecem o respeito do amnistiador, ou são agentes de repugnantes façanhas sem grandeza, e por tanto o artigo do doutor José Evolucionista é uma calinada de quem quer arvorar-se em pregador de Justiça Serena para aquelles «que podem considerar-se com direito á magnanimidade dos vencedores.»

Vinicio.

Casa Sindical

Realisou-se em 21 do corrente, n'este baluarte do operariado, uma festa, cujo fim, foi o de angariar donativos para a fundação d'uma Escola Racional.

Foi seu promotor, o Grupo Libertario Acção Directa.

Na festa que esteve muito concorrida, notava-se a presença do elemento feminino, em grande numero.

Fazêmos votos, para que no mais curto espaço de tempo possivel, seja convertida em realidade, a aspiração dos sindicalistas portuguezes, digna de todo o aplauso.

Pela certa!

A Republica em artigo de fundo, trata de frugiveros, taes como maçãs, laranjas, uvas, etc.

Qualquer dia começa o Aontonio Zé, a tratar da pevide!!

Pontas de fôgo...

Queixava se-me ha dias um camarada nas letras, da enorme dificuldade que representa, em Portugal, a aquisição duma *borla* de teatro. Sobem-se escadas, curva-se a espinha dorsal em não sei quantas reverencias, gasta-se dinheiro e finalmente o empresario, por muito favor, manda-nos entregar uma geral.

A proposito contou-me o que se pratica lá fóra, principalmente em Paris, onde o meu amigo experimentou as delicias da civilisação moderna.

Assim, ao contrario do que fazem os nossos, os empresarios francêzes quando presentem que uma peça está para se afundar pela caixa do ponto, tratam imediatamente de destribuir pelos amigos, pelos atores da companhia, inclusivé pelos empregados menores, bilhêtes para que êles e suas familias possam assistir á recita da noite.

Ora, isto tem a vantagem seguinte:

E' que o espetador que pagou o seu bilhete, ao entrar na sala de espetaculos, tem a ilusão e o comporto animador duma casa *á cunha*.

E' claro, fica logo bem disposto para assistir á representação da peça; o que não sucederia se encontrasse a sala deserta, ou meia duzia de *bicos*, cheios de tédio, olhando o pano de boca, n'uma desoladora decceção.

Um exemplo recente comprova a verdade deste facto:—O segundo espetaculo promovido pela Escola da Arte de Representar, com um programa em cheio, d'aqueles que só a mão de mestre de Julio Dantas sabe organisar, a representação de tres originaes portuguêses de autores consagrados, maravilhas de interpretação, o entusiásmo da mocidade... e como premio uma casa completamente ás moscas, que não dava para o petroleo.

Quanto melhor não teria sido, que o ilustre diretor da Escola, ao ver o resultado negativo da bilheteira, mandasse destribuir pelas familias dos alunos os bilhetes que ficaram por vender.

Certamente haveria mais franco entusiásmo, mais aplausos, mais alegria, mais incitamento, emfim: e os rapazes bem precisam que o publico os anime, pois começam a *gatinhar* numa arte assaz dificil.

E notem; em Paris, é esta a unica terapeutica aconselhada para salvar peças que ameacem ruina prematura.

Porque se não faz o mesmo em Portugal?

O alvitre fica... Mas não vão julgar-nos alguns *borlistas* encravados!... Por amor de Deus...

•

O sr. Luiz Ramos deu á estampa numa formosa *plaquette*, tres mimosas composições poéticas intituladas: *A luz, A vida e A boca.*

Gostámos muito da terceira, em que o poéta imita o estilo de Lopes Vieira, e aqui a transcrevêmos—com a devida vénia:

«A bôca é para tecer
os beijos que se hão de dar,
a bôca é para dizer
o que ha no peito a ferver,
a bôca é para cantar.

—Sustento do coração—
a bôca é para tecer
os beijos que as bôcas dão.

O' bôca, fonte das vidas!
ó bôca fonte do bem!
ó bôca fonte das vidas!
De duas bôcas unidas
a gente nasce tambem.

A bôca é para cantar,
e anda cantando, resando
e anda cantando a chorar.»

....»

Poderão objetar que a bôca serve para muitas coisas mais, que o sr. Luiz Ramos propositadamente oculta. Mas isso não é comigo: é acolá com o meu camarada *Gamalhães*, na sua secção da "*Má Lingua.*"

•

Tem agora a palavra «*Um amigo das artes*» que, depois de se ter queixado de não haver novas nem mandados sobre a erecção do monumento ao Marquez de Pombal, assim escreve no «Seculo»:

«Depois de se ter falado tanto em proteção á arte, depois de se ter anunciado aos quatro ventos que as obras artisticas iam surgir para aí com a espontaneidade dos cogumelos—moedas artisticas em circulação, estampilhas artisticas em giro, marmores artisticos em jardins publicos, estatuas artisticas em praças e avenidas—triste é que de *artistico* apenas tenhamos alcançado (e já não era sem tempo) a conclusão dos trabalhos na muralha do Carmo e vejamos surgir, por entre as grelhas dos andaimes, a fachada do edificio da Imprensa Nacional—*monumentos* que pelas nossas ocupações fomos obrigados a vêr diariamente»

Tem carradas de razão o ilustre articulista.

Neste paiz parece que só uma arte se cultiva com amor: a Arte de dizer asneiras.

Os admiradores do Marquez de Pombal, do Fontes, de Antonio Pedro e de Garrett perdem o seu tempo esperando que o Estado pague as suas dividas de reconhecimento e de admiração pelos serviços prestados a Portugal por esses grandes vultos da politica e das artes.

Já o meu inesquecivel Silva Pinto, a proposito do monumento a erigir a Camilo, se queixava amargamente de o projecto ficar *encalhado, para sempre, nos baixios da camara municipal de Lisboa.*

O mestre morreu sem ter a consolação suprema de ver o seu dilecto amigo, o maior prosador de Portugal, consagrado pela *pedra e pelo bronze, trabalhados pela Arte, pela Critica e pelo coração:—no monumento, emfim.*

Havemos de morrer tambem, eu e *o amigo das artes*, pedindo os monumentos para Camilo e para o Marquez de Pombal.

Os nossos netos hão-de morrer, fasendo identico pedido...

E o Silva Pinto, na cova fria, bradando sempre: *Chiça! Chiça!...*

Manuel Chagas (Pardiélo)

Cinema da imprensa

Mundo

A debandada:—Noticias de Hespanha dizem que muitos dos emigrados conspirantes estão sendo internados».

Segundo informações seguras, apoz os emigrados será tambem internado... n'um manicomio... el D. Canalejas!

Lucta

Coisas precisas:—«Não se imagina o que é este ministerio *(o da instrucção)* as longas horas que o ministro tem de dedicar ao expediente, não lhe ficando tempo para o estudo das questões importantes, etc.»

Ora, se se imagina! Basta uma vista d'olhos pelo estado em que se encontra a instrucção em todo o paiz para se concordar que ao ministro não fica tempo para estudar... questões importantes.

Se elle, o ministro, é o primeiro a não ter tempo... para estudar!

Nação

Não se confunda:—diz que a Igreja que, em these, tão bem se acomoda com a republica como com a monarchia».

E' um facto. E os seus mais dignos ministros, accommodados com a republica, estão ao seu lado... armados pelo insigne Couceiro, tomando parte em conspiratas, ou armados... pelo bom Christo proferindo estirados sermões politicos do alto dos pulpitos.

Intransigente

Não quer navios que sirvam de ostreiros nem aeroplanos para enviar homens para o outro mundo.

Como ainda, até hoje ninguem comprehendeu o que o *Intransigente* quer, não ha outro remedio senão esperar mais algum tempo.

Talvez que o homem, que ali está á espera da resposta, tenha um pouco de paciencia e espere...

Novidades

Nós e o Sr. Rodrigo Soriano:— «O sr. Rodrigo Soriano não sabe com certeza que em Portugal, quando qualquer galego escreve directamente a um portuguez etc.»

Segundo consta o grande amigo de Portugal e ilustre democrata hespanhol parte em breve para a fronteira, onde vae continuar a sua generosa investigação a favor do nosso paiz... como resposta ao pequeno periodo das *Novidadés*.

E' minha opinião que não valia incommodar-se.

Aquillo é obra do maior jornalista da nossa terra... ainda com os *Autores dramaticos* na garganta!

O Paiz

Outra conjunctura:— «A tolerancia, como base da liberdade, é de certo, o melhor atributo dos povos modernos, que uma verdadeira educação civica serve a dirigir e a orientar».

A nossa educação civica! Essa prenda que para ahi se arrasta, abandalhada, nojosa!

Educação que foi, é e será sempre, ministrada por *certa imprensa* da Republica. Tenha paciencia o Paiz, mas não será na sua vida, que ella se alongue por muitos annos, não será na sua vida que deixará de «medrar entre irmãos do mesmo berço uma distinção odiosissima, que nada poderia justificar».

Fim de sessão

Intervallo de... 7 dias

Vinicio

Adeus ó Motta!

No Theatro Chalet Delphina Victor, da feira de Agosto, vimos, ha dois dias, a *premiére* da revista em 2 actos e 6 quadros, *Adeus ó Motta*, original dos nossos amigos e collaboradôres Arthur Rocha (Lorêno) e F. Roldão (Sylvino), com musica do maestro Esteves Graça.

A peça agradou plenamenre e logicos foram os applausos do publico porque, n'aquelles dois actos leves, passeia um humorismo especial que, sem tocar a piada desbragada, tem um saborsinho que enquadra muito bem na feira, ao lado dos camarões, dos pimentos e das ameijoas á hespanhola.

Ha mesmo numeros originaes e engraçados, como o *comboio original*, a *bandeira do leilão* os *encravados da gréve*, etc. e a musica é bastante agradavel, coisa que, só por si, vale um poêma.

O desempenho muito harmonico, sobresahindo das mulheres, Delphina Victor, a artista que não hesitou em trabalhar na feira, Rita Pavão, Philomena Lima, Maria Luisa, Cecilia Guimarães e dos homens Roldão, José Victor, J. Guimarães, Joaquim Vaz, Ernesto Rodrigues, Miranda e Barris.

Por onde se vê que uma companhia formada de artistas com o seu nome feito nos bons theatros da baixa, não receiou amparar dois novos e representar-lhes a sua peça. Bem sabêmos que não calará muito bem no animo de certas parcerias que de ha muito nos patenteiam o phenomeno dos 7 *alfaiates a matarem uma aranha*, mas, apesar d'isso, terêmos revista até ao desmanchar da feira.

E a vêr vamos.

A. B.

Vão lá!

Se quizerem vivêr bem,
Sem a sombra d'um desgosto,
Vão vêr o *Adeus ó Motta*
Lá acima á feira d'Agosto!

A SOLTEIRONA

Desde sexta-feira que reinava grande reboliço no elegante palacete dos Ortins.

O dr. Quintino, antigo e estimado companheiro de colegio do dono da casa, chegára inesperadamente de Mogofores, em companhia da menina Angelica, a sua interessante filhinha.

Abençoadas visitas estas!

As passeatas d'automovel, as theatradas e as opiparas ceias no Martinho e no Tavares, contavam-se quasi pelo numero de dias da hospedagem...

O bom do dr. fazia andar tudo n'um virote!

Ah! assim pode-se ter alguem de portas a dentro!

—O seu amigo é uma joia, mano Alberto—disse a D. Clara d'olhar brilhante para o locatario do Palacete, após a beijoca matutina.

—E' uma joia, é... confirmou o sr. Ortins, meio a rir meio a serio, mirando de soslaio a sua extraordinaria irmã.

—Palavra, que tenho passado umas noites agradabilissimas, explicou sem rebuço a dama, sentando-se junto da secretaria, onde o dono da casa trabalhava. Aquella revista do teatro **Avenida** possue na realidade profundo chiste e merecimento, excedendo toda a perspectiva Os proficientes scenografos realisaram ali em especial verdadeiros milagres. Jamais admirei uma apotheose tão maravilhosa como a da *proclamação da Republica na China*, com que fecha o 2.º acto.

—E o magnifico espectaculo que gosámos no **Republica**, na segunda noite de pandega?

O *Grand uGignol* com tão auspiciosa estreia cria certamente arreigadas raises no nosso meio teatral.

—Assim como os bellos numeros de variedades, que o Taveira do teatro da **Trindade** está apresentando, irão até ao *debute* da companhia d'opera.

Ah! o Maxim!... O Maxim!.. Aquelle sober-bo Maxim!... Confesso, querido mano: Estou meia apaixonada!

—Pelo macaco? inquirinrindo Alberto.

—Pelo Quintino, que é quasi tão... inteligen-como o quadrumano da Trindade. Ah! se não fosse cá por coisas sacrificava-lhe a minha corôa de flôr de laranjeira mesmo sem *benzeduras* nem *rendez-vous* na Administração do Bairro!

—Então, mana?! Que desmandos de linguagem são esses? exclamou o dono da casa assustado, indo fechar prudentemente a porta da sala. Veja lá se algum dos nossos hospedes a escuta!

—Não ha perigo. Pae e filha estão ainda recolhidos—disse D. Clara, começando, no meio do seu enthusiasmo, a cantarolar uma modinha bréjeira, que no proprio dia da chegada dos Quintinos, tinham ouvido com agrado no **Teatro Salão dos Anjos.**

—Diga-me, porem, querido Alberto, o dr. já lhe comunicou o programa do *regabofe* para hoje?

—E para amanhã. Faremos uma ideal peregrinação pelo **Paraiso de Lisbôa**, onde a orchestra *Hefti*, composta de 12 elegantes senhoras, alcança um authentico e ligitimo *successo*; pelo CHIADO TERRASSE, CENTRAL, FOZ, TRINDADE e OLIMPIA, os *cines* mais escrupulosos e artisticos da capital.

—Quêm está tocando piano na sala de visitas, Clara?

—Ora, quem hade ser?! redarguiu a donzelona, encolhendo desdenhosamente os hombros. A sua filha... a sua melancholica filhinha! Da *Princesa dos Dollares*, só executa a mais triste e plangente canção.

—Aliás, bem captivante e que no **Colyseu dos Recreios** encontrou agora, como de resto toda a esplendida partitura, uma interpretação digna de louvor pela grandiosa Companhia Granieri Marchetti—o *clou* da presente *season* theatral.

—Mas diga-me, mana: A que atribue o doloroso estado d'espirito actual de Mathilde?

—A arrufos d'amôr... Segundo parece o derriço anda um tanto empolgado pela feira d'Agosto.

A noasa visinha D. Ernetisna encontrou-o hontem na 1.ª sessão do CHALET DELFINA VICTOR, aplaudindo com louco frenesi a espirictuosa revista ali em scena, e depois na 2.ª do CHALET JULIA MENDES, verdadeiramente alheiado de tudo e de todos, ante a graça fascinante da Zulmira Miranda, da Sarah Medeiros e da Maria Victoria...

—Julgava que a pequena tivesse já terminado de vêz o namorico com o filho do dr. Vieira.

Isso terminou ella que é curiosa! explodiu então a solteirona, dando livre expansão ao seu incrivel azedume. Hoje, como Deus com os anjos, amanhã, como o cão com o gato, lá vão continuando a *flirtar-se!* Ah! o mano Alberto devia intervir! Impôr a sua auctoridade! Chamar á ordem os precoces e loucos pombinhos! Os visinhos murmuram já todos dos continuos *gargarejos* ao muro do jardim! E' de dia, de noite, a toda hora quasi... Ora, calcule, que os transeuntes chegam a constituir aglomeração em frente da nossa residencia para disfructarem o edificante espectaculo?!.. Oh! eu tenho pena... muita pena!

—Pena de quê, mana Clara? inquiriu Alberto Ortins com placidez, póis de maneira alguma podia tomar a sério as *arias* da sua interlocutora. Vamos, seja franca... Abra-me bem o seu coração!

Entretanto, emudecera o piano na sala de visitas e a durasia irmã do amigo do dr. Quintino de Mogofores, respondeu em tom desalentado e dolorido, lobrigando atraves das artisticas persianas das janellas, novo idilio dos dois jovens:

—Tenho pena... de que não seja eu a *namorada*!...

O Miguel.

POSIÇÃO CRITICA

A Hespanha reaccionaria:—Ai! Ai! Por amôr de Deus, não carregues mais, que me fazes cahir!...